ATIVIDADE DA AULA “COMUNICAÇÃO DE RISCO SANITÁRIO”

Olá, pessoal!

Antes de apresentar a vocês o estudo dirigido de nossa aula, com proposta de algumas atividades, temos um trecho sobre comunicação de risco para vocês lerem. É breve. O trecho faz parte da dissertação de mestrado da Fernanda Voos (VOOS, 2018, p. 47-49). Acredito que complementa muito bem o texto da Maria Lígia Rangel-S (Risco, cultura e comunicação na proteção e promoção da saúde), indicado como leitura obrigatória.

(...)

O estabelecimento de confiança é fator-chave para conquistar uma comunicação efetiva. Segundo Cherrie, Howie e Semple (2010):

Confiança é o fundamento da relação entre duas pessoas ou entre pessoas e organizações”.[...] Requer muito esforço para desenvolver confiança; é preciso haver verdade, franqueza, respeito e tolerância pela opinião dos outros, manter a palavra e evitar prejudicar os demais, seja por suas ações ou suas omissões. A confiança é somente conquistada ao longo de esforços consistentes ao longo do tempo, contudo um único gesto ou palavra mal pensada é capaz de destruir o relacionamento (CHERRIE, HOWIE e SEMPLE, 2010, p. 299).

A busca pela confiança extrapola o campo ocupacional. Lucchese (2001, apud RANGEL-S, 2007b) indica que, nos países em desenvolvimento, a comunicação de risco surgiu atrelada a um processo de regulamentação sanitária, no qual a análise da sociedade de risco era um instrumento para a proteção da população e promoção de interesses sanitários e ambientais. Neste contexto, segundo o autor, a comunicação de risco cultiva uma relação especial com a credibilidade e a confiança:

[...] demandando uma política de comunicação do risco, para a construção da confiança de grupos populacionais com relação aos processos tecnológicos em curso na sociedade e à capacidade regulatória do Estado. Nesse sentido, a construção da confiança é vista de modo vinculado à percepção de precisão, conhecimento e preocupação com o bem estar público (LUCCHESI, 2001, apud RANGEL-S, 2007b).

Por isso, custa tão caro às organizações conquistar e manter a sua reputação, especialmente às governamentais.

Um dos dificultadores da implementação de uma comunicação do risco eficiente reside também no fato de não haver consenso quanto ao modelo de comunicação que deve ser desenvolvido para o risco (ibid., 2007b). Rangel-S comenta que o modelo proposto por Sandman, por exemplo, é alvo de críticas por autores como Heath e Nathan. Para esses autores, aquele modelo paternalista ou baseado no senso comum, direcionado a um público alvo, precisa ser desafiado pelo modelo defendido por eles, que considera o poder - e consequentemente a submissão - como fatores importantes para a formulação da comunicação do risco, além do entendimento. Sua preocupação emerge da possibilidade em desconsiderar as contradições e os conflitos existentes entre todas as fases do processo comunicativo, “o que pode resultar em discursos ideológicos que tenham pouca efetividade no controle dos riscos” (ibid., 2007b). Para vencer esses entraves, continua autora (ibid.,2007b) sobre os conceitos de Heath e Nathan, esses autores recomendam uma série de medidas: **a) incluir a diversidade das audiências, definidas por eles como campo de influência; b) considerar as incertezas; c) a avaliação (julgar o que é equitativo, razoável, seguro e estético); d) e o envolvimento (expressar auto-interesse ou altruísmo).**

Para Geraldo Lucchese (2008), a **comunicação do risco** é uma dimensão da regulação do risco sanitário que concretiza a relação entre a avaliação do risco e a participação da sociedade, com o objetivo de que a sociedade possa realizar escolhas, sociais e individuais, com a melhor informação possível. Assim, políticas públicas de gerenciamento do risco

deveriam adotar uma abordagem honesta e transparente de comunicação do risco, aceitando e envolvendo o público como parceiro legítimo (RANGEL-S, 2007b).

A formulação de uma política de comunicação e vigilância sanitária, sugere Paim (2007b, p. 53), poderia inspirar-se na transição paradigmática que presenciamos: do paradigma da **regulação** (pelo mercado, pelo Estado ou pela comunidade) ao paradigma da **emancipação**. O autor salienta que a opção pelo paradigma da emancipação no âmbito da Comunicação em Vigilância Sanitária representa enorme desafio atrelado ao jogo de interesses em disputa:

Reconhecendo-se nos movimentos atuais da vigilância sanitária uma preocupação de regular o mercado através do Estado, tem-se que alertar, ao mesmo tempo, para o fato de que não seria estranho imaginar que o Estado brasileiro tenda menos a regular as empresas capitalistas produtoras de bens e serviços, e mais os cidadãos. Mesmo em uma conjuntura na qual o governo afirma o compromisso com as classes populares, os interesses capitalistas têm prevalecido em relação às políticas públicas e a vigilância sanitária, em particular. Esta, ao procurar mediar as relações entre o mercado, o Estado e a comunidade, e diante da seletividade estrutural das políticas públicas, encontra dificuldade de fazer prevalecer o interesse público. Trata-se, portanto, de um tema complexo, pois a pretexto de controlar produtos e serviços e de apoiar a comunicação, o Estado pode controlar informações para os cidadãos, domesticando-os, mediante prescrições de condutas neo-higienistas (PAIM, 2007b).

(...)

Quis enfatizar aqui características importantes de se considerar para o planejamento, a formulação e a condução de uma comunicação do risco, como o estabelecimento de confiança e credibilidade. É primordial buscar uma relação de respeito, com transparência e empatia para a comunicação fluir.

A proposta comunicativa da Visa, cujo objetivo seja proteção e promoção social, deve direcionar-se à diversidade de audiência, o que significa, no cenário brasileiro, incluir as desigualdades. Outro ponto relevante, de acordo com Heath e Nathan conforme exposto acima, é considerar as incertezas. Os discursos que

seguem a ótica da verdade absoluta, prescritiva e disciplinadora, tendem ao insucesso.

É também extremamente importante que a mensagem pressuponha o diálogo. Planejar meios de desenvolver esses diálogos, captar as necessidades do público, envolve-los como cidadãos e engajá-los nas políticas de saúde não é tarefa simples, mas, precisa estar dentro dos objetivos da comunicação. Comunicação não é uma via de mão única. Se a Visa se propõe a criar uma página no Facebook, por exemplo, é necessário que dê conta de administrá-la, de responder aos comentários e de orientar quando for preciso. Ou seja, precisa interagir.

É preciso pensar também qual será o dispositivo usado para a leitura da mensagem, pois isso irá impactar no formato e no conteúdo da mesma. A grande maioria dos brasileiros acessa as mídias sociais pelo celular. Mensagens muito longas não são lidas, ou, pior, são mal lidas. Devemos, enquanto sanitaristas, fornecer informação de qualidade, atraente, evitando a propagação de inverdades. Para isso, é preciso incluir profissionais da área da comunicação na equipe de saúde.

Finalmente, é importante afirmar a comunicação do risco sanitário como meio fundamental para a consolidação do direito à saúde.

Enfim, procurei até aqui tecer alguns comentários adicionais sobre o tema da aula de maneira bastante informal para que vocês tenham mais conteúdo para as discussões!

A seguir, selecionei alguns exemplos de comunicação do risco sanitário disponíveis na internet, extraídos de páginas de Vigilância Sanitária (Visa) no Facebook. Defendo que as plataformas sociais (ou mídias sociais, como queiram, pois não há consenso em como denominar as mídias digitais como Facebook, Instagram e Twitter) precisam ser consideradas como um dos espaços/meios de comunicação da vigilância sanitária contemporânea.

ATIVIDADE 1

Comunicado da Anvisa sobre medida sanitária adotada frente a alguns lotes do medicamento anticoncepcional Gynera.

Texto da postagem na página da Anvisa no Facebook, em 26/06/2017:

O anticoncepcional Gynera (gestodeno + etinilestradiol) com 21 drágeas teve 13 lotes suspensos nesta segunda-feira. A medida foi tomada depois que o próprio fabricante identificou resultados insatisfatórios no estudo de estabilidade do produto. O estudo de estabilidade mede por quanto tempo o medicamento mantém suas características depois que sai da fábrica. Ou seja, é o que garante que o anticoncepcional tem qualidade e funciona durante o seu período de validade. Se você usa o anticoncepcional Gynera confira na embalagem se o seu medicamento é de um dos lotes suspensos pela Anvisa. Caso seja, entre em contato com o SAC do fabricante para ser orientada sobre a troca. Os lotes de Gynera que não estão na lista podem ser comercializados e utilizados normalmente. Confira os lotes suspensos neste link: <https://goo.gl/NeEpgL>

Acesse a postagem completa pelo seguinte endereço na internet (copie e cole o link abaixo):

<https://www.facebook.com/1115316978577988/posts/1179601522149533>

Ao acessar a postagem no Facebook pelo link acima, analise a mensagem e as interações que surgiram pelos comentários e reações entre a Anvisa e o público. Leia também o artigo complementar fornecido pelo link ao final da mensagem (<https://goo.gl/NeEpgL>), na página eletrônica da Anvisa. Agora, comente sobre os pontos positivos da comunicação de risco sanitário, indicando quais riscos e perigos estão sendo apresentados, qual o público alvo e outras características que julgar importantes. Na sua opinião, está sendo cumprida a finalidade de proteção à saúde? O que poderia melhorar?

ATIVIDADE 2

Postagem da Anvisa em sua página no Facebook em 16/11/2017:

Na luta contra as superbactérias é fundamental a participação dos profissionais que prescrevem medicamentos. Analisar criteriosamente doenças e causas de infecções e prescrever medicamentos sempre visando a saúde a longo prazo são passos que auxiliam na prevenção ao surgimento de resistência aos antimicrobianos. Saiba mais: <http://bit.ly/2zIIN82>

Acesse a postagem completa pelo seguinte endereço na internet (copie e cole o link abaixo):

<https://www.facebook.com/1115316978577988/posts/1297379763705041>

Novamente aqui, reflita e comente sobre os pontos positivos da comunicação de risco sanitário, indicando quais riscos e perigos estão sendo apresentados, qual o público alvo e outras características que julgar importantes. Na sua opinião, está sendo cumprida a finalidade de proteção à saúde? O que poderia melhorar?

ATIVIDADE 3

Texto da postagem da Anvisa em sua página oficial no Facebook, em 23/10/2017:

Alimentos funcionais podem auxiliar no desempenho do organismo e trazer benefícios para a saúde quando associados a uma alimentação equilibrada e hábitos de vida saudáveis. Mas é preciso ficar ligado! Mesmo com benefícios comprovados os alimentos funcionais não devem ser confundidos ou utilizados como substitutos para medicamentos. Também não devem ser vendidos como emagrecedores ou como promessa de cura para doenças. Os medicamentos são desenvolvidos com substâncias específicas para tratar ou curar doenças e sintomas. Confie na recomendação do seu médico e do farmacêutico. Evite a automedicação e não substitua medicamentos por alimentos funcionais.

Postagem completa pode ser acessada pelo link:
<https://www.facebook.com/1115316978577988/posts/1277833835659634>

Avalie essa postagem enquanto comunicado de risco sanitário, em relação ao seu contexto cultural. Qual o risco envolvido e a quem se destina? Como você avalia a linguagem adotada na mensagem?

ATIVIDADE 4

Texto da postagem da Vigilância Sanitária Municipal do Rio de Janeiro em sua página oficial no Facebook, em 07/06/2017:

A Vigilância Sanitária esteve, nesta quarta, na confeitaria Colombo, para verificar denúncias que estavam circulando nas redes sociais, sobre infestação de baratas. No entanto, técnicos do órgão constataram que não há grande infestação, mas sim pequenos focos na copa. Na inspeção também foram encontradas tortas expostas em temperatura inadequada, que foram inutilizadas, totalizando 16,2 kg. Os focos de insetos e a temperatura dos alimentos resultaram em duas multas por produto impróprio e por falta de asseio no ambiente e na manipulação.

Postagem completa pode ser acessada pelo link:

<https://www.facebook.com/478252882343597/posts/798799943622221>

Ao acessar a postagem no Facebook pelo link acima, analise a mensagem e as interações que surgiram pelos comentários e reações entre a Anvisa e o público.

Pontue pontos positivos e negativos para o posicionamento da Visa do Rio de Janeiro neste comunicado de risco.